

NEGROS E HOMOSSEXUAIS VISTOS PELA ÓTICA DA COMUNIDADE SOCIOPROFISSIONAL DE EJA – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Raimundo Bartho da Silva¹

Resumo: A partir da dubiedade no texto do artigo 5º da nossa Constituição Federal de 1988, que promove interpretações diversas e com isso pode causar prejuízos aos ‘todos’ ali descritos, uma vez que parece afirmar que eles – os indivíduos brasileiros natos ou naturalizados - ‘são iguais’, em vez de dizer que ‘todos devem ser tratados igualmente’, pormenor que provocou, desde sempre, e ainda provoca abertura jurídica para que indivíduos inexperientes utilizem a força de seu texto – e também de seu contexto – para defender culpados e oprimir inocentes; para privilegiar quem não sofre preconceito e racismo e desvalorizar os que infelizmente são submetidos a eles. Consequentemente, a valorização dos sujeitos negros e indígenas no espaço escolar continuou precária. Atrelado a isso temos ainda a diversidade de gênero que é outro tema que a escola ainda não consegue trabalhar satisfatoriamente e, por isso, as estatísticas indicam que os sujeitos que mais se evadem das escolas são os negros e os homossexuais. Com isso, a importância das escolas de EJA se tornou real e indispensável, pois, no futuro essas minorias, assim chamadas aqui pela falta de oportunidade e de representatividade, em algum momento de suas vidas, retomarão os estudos e precisarão de um espaço adequado, que respeite sua identidade, realidade social, incentive sua autoestima e ofereça qualidade de ensino. É justamente aí que o papel das escolas de EJA se torna fundamental e indispensável.

Palavras-chave: Gênero; Diversidade; Educação; Escola; Constituição; Políticas Públicas

BLACK AND HOMOSEXUALS SEEN BY THE VIEW OF THE SOCIOPROFESSIONAL COMMUNITY OF EJA - YOUTH AND ADULT EDUCATION

Abstract: To from the ambiguity in the text of Article 5 of our Federal Constitution of 1988 that promotes several interpretations and that can cause losses to 'all' there described since it seems affirm that they - native Brazilians or naturalized – “are same” instead of saying that "everyone should be treated equally". Detail that caused, always, and still causes legal opening for what inexperienced individuals get the strength of your text - and also its context - to advocate guilty and oppress innocent ; to focus who not suffer prejudice and racism and devalue people which unfortunately are subjected to them. Consequently, the valuation of the black people and of the indigenous people at school remained precarious. Coupled to these we still have the gender diversity that is another issue that the school still cannot to work satisfactorily once statistics indicate that the students that most evade schools are blacks and homosexuals. Thus the importance of adult education schools became real and essential, because in the future these minorities, so called here by the lack of opportunity and

¹ Possui Pós Graduação/Especialização em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal de São Paulo (2016) e graduação em Web Design e Programação pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2013). Foi ATE II no Cieja Aluna Jéssica Nunes Herculano até 2015. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em EJA - Educação de Jovens e Adultos e possui vários cursos complementares de curta duração em diversas áreas de interesse. Raymond Zambala é um heterônimo. E-mail: barthoraimundo@yahoo.com.br

representativeness, at some point in their lives , will resume their studies and will need adequate space that respects, their identity, their social reality , encourage yours self-esteem and provide quality teaching. It is precisely here that the role of adult education schools becomes essential and indispensable.

Key Words: Gender; Diversity; Education; School; Constitution; Public Policies.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se originou a partir do projeto de intervenção por mim realizado, após sugestão no meu TCC da Pós-Graduação do curso de Gênero e Diversidade na Escola, realizado entre os anos de 2015 e 2016 na UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo.

Convém esclarecer que no TCC privilegiou-se duas das minorias menos visíveis social e politicamente: negros e homossexuais, no contexto do espaço escolar.

Aproveito ainda para esclarecer que o termo “minorias” aqui não tem o sentido quantitativo e sim denota a falta de representatividade, voz e vez, pelo simples e óbvio fato de sabermos que a população negra já passa, há muito, dos 54% da população brasileira, Vieira 2016 e que 17,9 milhões de brasileiros assumem ser homossexuais ou bissexuais e se concentram na população considerada jovem (entre 18-30 anos), algo em torno de 27,9% da população jovem, Guia Gay São Paulo 2015 - e Gwercman 2016.

O projeto de intervenção sugeriu que fosse realizada uma pesquisa escolar em duas fases que envolvesse alunos, professores, equipe de apoio escolar e comunidade do entorno a partir de relevantes informações constatadas na confecção do TCC onde se afirmava que o índice de evasão escolar é maior entre negros e homossexuais por dois motivos distintos: preconceito racial e intolerância de gênero consecutivamente. Em seguida vem, para os negros, a necessidade de trabalhar e para os homossexuais a fuga da situação. Ambas minorias são ainda vitimizadas pela escola em si que tem histórico de ser excludente.

Para dar maior veracidade escolheu-se uma escola de modalidade EJA – Educação de Jovens e Adultos porque ela recebe grande parte da população negra e homossexual que outrora se evadiu do ensino regular pelos motivos já expostos acima.

Sugeriu-se que a pesquisa fosse feita em duas fases, porém com as mesmas perguntas, sendo elas embaralhadas na segunda.

Para responder ao questionário na segunda fase o entrevistado precisava assistir a uma apresentação sensibilizadora, em slides, contendo o resultado tabulado da primeira fase, cujas respostas estavam confrontadas com dados estatísticos atuais e confiáveis.

O objetivo era mostrar aos entrevistados que eles mantinham opiniões retrógradas, conservadoras e preconceituosas sobre origem, condição, situação e opção dessas duas populações, alvo do tema, negros e homossexuais e, evidenciar a falta de conhecimento de causa.

1. MATERIAL E MÉTODOS

A primeira fase da pesquisa consistiu em apresentar um questionário simples, considerando que os entrevistados principais são alunos de EJA, do Ensino Fundamental, das séries finais, ou seja, do 7º ao 9º ano.

Esse questionário visava saber se eles tinham uma ideia de quem foram/são os negros, se conseguiam dizer o que é uma pessoa homossexual e se dentro desse contexto eles se colocavam como preconceituosos, neutros ou atuantes das causas.

A pergunta mais importante visava obter suas opiniões sobre a evasão escolar de negros e homossexuais e se tinham uma explicação sobre o motivo dessa evasão.

Foram entrevistadas 83 pessoas nessa fase.

De posse dos resultados tabulados era hora de confrontá-los com dados estatísticos atuais e preparar a Ação Sensibilizadora.

Esta foi feita através de slides disponibilizados virtualmente para todos os entrevistados e demais voluntários que eram convidados a responder a segunda fase, disponível aqui.

Como dito inicialmente a segunda fase da pesquisa continha exatamente as mesmas perguntas, embaralhadas, ou seja, não estavam na mesma ordem em que foram apresentadas na primeira fase e também foram disponibilizadas virtualmente, sendo os entrevistados da primeira fase convidados para responder a esta nova fase. 81 pessoas responderam ao questionário, disponível a seguir, porém algumas observações merecem destaque:

- Muitos voluntários se candidataram e responderam à pesquisa;
- A escolaridade (ou o conhecimento de causa) dos entrevistados pareceu ser maior;
- Poucos dos entrevistados da primeira fase aderiram a segunda fase;
- As respostas na segunda fase foram mais consistentes do que na primeira;
- A maioria dos entrevistados demonstraram grande conhecimento de causa sobretudo sobre homossexualidade;
- Supõe-se que virtualmente os entrevistados sentiram-se mais à vontade para expressar suas opiniões;

O local onde ocorreu a pesquisa de campo foi o projeto CIEJA (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos) Aluna Jéssica Nunes Herculano, mais conhecido como CIEJA Butantã, que se situa nas proximidades dos primeiros 10 quilômetros da Rodovia Raposo Tavares, Zona Oeste de São Paulo. É considerada uma escola de passagem porque esta importante rodovia é caminho para vários bairros da zona oeste da capital bem como acesso à microcidades como Alphaville, Cotia, Osasco e Taboão da Serra localizadas a menos de 20 quilômetros dali.

O prédio escolar é uma casa térrea, ampla, que foi totalmente adaptada com acessibilidade para receber alunos de EJA com o conforto e o acolhimento que eles merecem. Logo, esse ambiente parecido com uma casa promove tranquilidade e receptividade aos educandos.

Os cômodos – quase todos transformados em salas de aula – com ar condicionado, ventiladores, armários, quadro branco, computador, mesas e cadeiras, desorganizadas propositalmente, proporcionam legalidade e autonomia para educandos e educadores, além de maior proximidade.

Não existe cozinha, então não há refeições. Em vez disso distribui-se a chamada ‘merenda seca’ que consiste de bolachas do tipo ‘maizena’ ou ‘cream cracker’, achocolatados embalados em ‘tetra pack’, docinhos de banana cristalizados e barrinhas de cereais, tudo embalado individualmente para que o aluno coma sentado no pátio enquanto espera pelo início de sua aula.

Tal merenda é entregue nos quinze minutos que antecedem ao início do turno uma vez que no CIEJA cada turno tem duração de 2h15, e, por isso não há recreio/intervalo.

O projeto CIEJA funciona em três períodos – manhã, tarde e noite – com dois

turnos em cada período, totalizando seis turnos diários.

É mantido pela Prefeitura da Cidade de São Paulo sob responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação para oferecer exclusivamente ensino na modalidade EJA, porém mantém também a sala de SAAI para atender alunos portadores de necessidades especiais.

A clientela estudantil está na faixa etária inicial de 15 anos.

Além de receber a comunidade que procura por ensino, o CIEJA recebe ainda cidadãos indicados pela Justiça e pelo departamento de demanda escolar da Diretoria Regional de Ensino Municipal, os quais tem prioridade de matrícula.

A parte pedagógica é coordenada pelos OPEs (orientadores pedagógicos educacionais) que vinculam suas atividades também com o setor administrativo.

Em vez de Diretora e Vice-Diretora o comando do CIEJA tem à frente Coordenadora Geral e Vice- Coordenadora Geral.

Hierarquicamente seguem-se equipe docente, secretário de escola, ATE II, ATE I e equipe de apoio.

Os alunos do CIEJA recebem material didático, uniforme e participam de eventos e atividades extraclasse, respeitando-se claro suas condições de jovens ou adultos, bem como seus compromissos profissionais e familiares.

O ensino no CIEJA é dividido nas três áreas do conhecimento: Linguagens e Códigos (português, inglês e arte), Ciências Humanas (história e geografia), Ciências da Natureza e Matemática (matemática, ciências, biologia, física e química).

Não existem séries/anos. Em vez disso o CIEJA trabalha com quatro módulos:

Módulo I – equivalente a 1ª e 2ª séries/anos;

Módulo II – equivalente a 3ª e 4ª séries/anos;

Módulo III – equivalente a 5ª e 6ª séries/anos;

Módulo IV – equivalente a 7ª e 8ª séries/anos;

Os candidatos antes de iniciarem os estudos são submetidos a uma Avaliação Diagnóstica que é uma prova de conhecimentos escolares equivalente ao conhecimento declarado pelos mesmos no ato da inscrição.

Os resultados definem o módulo em que este irá ingressar na escola. Alguns progridem em relação ao que estudou no passado e outros podem regredir em virtude do esquecimento ou da falta de prática.

Outros detalhes de infraestrutura inerentes ao ambiente escolar comum

também estão presentes no CIEJA como banheiro para deficientes, rampas, bebedouros, biblioteca, sala de informática, equipe de limpeza e higienização do ambiente, vigia e ronda escolar.

Os professores que trabalham no CIEJA precisam ser concursados da rede municipal de ensino, e também prestam provas (em várias etapas) para conseguir uma vaga para uma das áreas de ensino. Valoriza-se o professor que além da sua especialidade também tenha curso de pedagogia, experiência e conhecimento em EJA no currículo.

Os resultados da pesquisa serão apresentados a seguir.

2. RESULTADOS

Fase 1

Como se podia esperar 100% das pessoas entrevistadas responderam que não tem preconceito contra negros e a pergunta é: Onde estão os preconceituosos já que vivemos relatos, experiências e constantes notícias sobre ataques raciais? Mesmo assim 73% desses mesmos entrevistados admitem conhecer pessoas com ideias preconceituosas e 38% diz que já foi ou está sendo vítima de preconceito.

Contrariando as estatísticas (o que indica falta de conhecimento de causa e olhar diferenciado para as minorias) apenas 22% acha que negros e homossexuais tem dificuldades para se manter nas escolas. Certamente desconhecem os motivos que elevam a evasão de negros e homossexuais das escolas ou se acostumaram a não fazer nada diante de tal situação ao ponto de achar tudo isso normal. A sociedade tem facilidade para assimilar normatizações padronizadas.

Entretanto 89% dos entrevistados acham que as pessoas **NÃO** são tratadas com igualdade e a pergunta é: Como? Se esses mesmos entrevistados, 78% deles, acreditam que negros e homossexuais **NÃO** tem dificuldades para se manterem nas escolas? Isso dá a entender que há 'bastante' igualdade no tratamento dispensado às pessoas em geral.

Por sorte, 91% acredita que Especialistas em Gênero e Diversidade na Escola poderão ser úteis ao produzir conhecimento e fazer entender sobre o tema, mas 54% admite que não estuda sobre a cultura afro-brasileira e nem indígena.

Já com relação aos homossexuais apenas 2,7% dos entrevistados admitem ter

algum preconceito, mas os dados indicam que a cada 28 horas um homossexual é morto de forma violenta no Brasil. Então quem está matando os homossexuais não são preconceituosos, certo? Quem são?

Fase 2

A saber:

100% não têm preconceito contra negros

2,5% têm preconceito contra homossexuais

93,8% conhecem pessoas com ideias preconceituosas

72,8% já foram ou são vítimas de preconceito

95,1% acham que negros e homossexuais têm dificuldades para se manterem nas escolas

100% acham que as pessoas **NÃO** são tratadas com igualdade

96,3% acham que especialistas em gênero e diversidade seriam bem-vindos às escolas

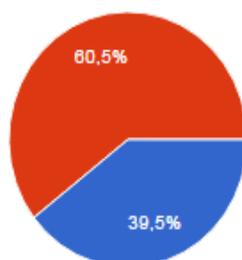
86,4% não estuda história afro-brasileira ou indígena

Respostas mais relevantes

Gráficos

Gráfico 1

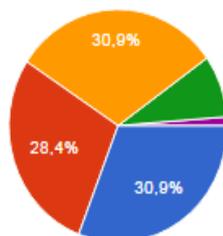
Qual é o seu sexo?



FEMININO	32	39,5%
MASCULINO	49	60,5%

Gráfico 2

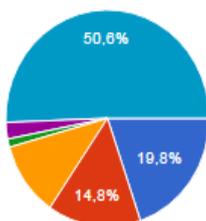
Qual é a sua idade?



Entre 15 e 25 anos	25	30,9%
Entre 26 e 35 anos	23	28,4%
Entre 36 e 55 anos	25	30,9%
Entre 56 e 75 anos	7	8,6%
76 anos ou mais	1	1,2%

Gráfico 3

Entre as opções abaixo, qual te define melhor?



Aluno(a)	16	19,8%
Professor(a)	12	14,8%
Comunidade do entorno escolar	9	11,1%
Quadro de apoio escolar	1	1,2%
Diretor(a), Coordenador(a), OPE	2	2,5%
Voluntário(a)	41	50,6%

Fonte: SILVA, Raimundo Barthô da - **Gênero e Diversidade – Problematizando o Desenvolvimento do Tema na Escola: Legislação, Sociedade e Percepções da Comunidade Escolar** – Projeto de Intervenção – Pesquisa Escolar – p. 30;2016.

A). Em sua opinião quem são os negros?

1 - Pessoas com a pele escura.

2 - Seres humanos comuns que foram escravizados no passado

6 - Seres humanos que a sociedade do passado condenou e que ainda hoje sofrem as consequências.

15 - Da mesma forma como há amarelos e índios existem os negros.

23 - Negros são pessoas comuns iguais aos brancos

28 - Eu acredito que seja a raça mais antiga e predominante do mundo.

30 - Uma raça linda. Os maiores representantes de como deve ser a 'cara' do Brasil.

34 - Pessoas de pele escura cujo DNA está contido na população mundial (em maioria)

40 - Uma pesquisa científica de uns 10 anos atrás dizia que o primeiro ser humano era negro e eu acredito nisso! Então os negros são os responsáveis pela povoação do mundo.

42 - Uma raça heroica, forte e guerreira.

B). Em sua opinião o que é uma pessoa homossexual?

6 - Uma pessoa que quer ser feliz independente da escolha de sexo

13 - Mais um ser humano, não vejo diferença.

18 - Pessoas como eu.

20 - Todo mundo é homossexual

23 - Comportamento, escolha

28 - Seres humanos prejudicados pelo preconceito.

31 - Uma pessoa tão normal quanto outra qualquer, que possui uma orientação homossexual.

41 - O (a) homossexual é o gênero que está dominando o planeta. É impossível parar isso. Em breve os homossexuais estarão dominando os quatro cantos do planeta!

44 - Gente que tem mais coragem do que a maioria e vive plenamente os sentidos e os pedidos do seu corpo e da sua mente.

45 - Seres humanos que não se prendem somente ao sexo biológico.

49 - Gente corajosa que vive a sua sexualidade plenamente?

62 - Uma pessoa normal diferenciada na prática sexual.

65 - São os gays - homens e mulheres que são felizes com suas escolhas que diferem das normas sociais.

66 - Homens e mulheres que se diferem nas práticas sexuais e sentimentais do que diz respeito a heteronormatividade.

67 - Vítimas de preconceito, apenas por querer viver da melhor maneira como os heterossexuais.

68 - Pessoas que vivem sua sexualidade na contramão da heteronormatividade.

76 - É aquela gente feliz que não tem medo de viver plenamente a sua sexualidade.

C) Por que negros e homossexuais têm mais dificuldades para se manterem nas escolas?

2 - A escola é maldita. Pisa e esmaga certas minorias.

33 - Porque a pobreza e a falta de capacidade para lidar com essas pessoas (que são majoritariamente excluídas pela sociedade) certamente influencia na evasão.

58 - Porque o racismo e o preconceito são 'currículo' nas escolas.

70 - Há muito racismo e preconceito nas escolas (por parte de todos).

78 - A escola nunca se preparou para lidar com diversidade e gênero.

D)- Quer falar algo sobre a presença de especialistas em gênero e diversidade nas escolas?

22 - Já que educadores se ocupam de outras funções educativas, profissionais como estes podem assumir compromissos socioeducativos.

34 - A atuação deles poderá mudar a atitude social nas escolas.

48 - Era só o que faltava existir um profissional pra isso.

E)- Quer falar algo sobre a importância de estudar história afro-brasileira e indígena?

3 - Faz parte da nossa cultura.

6 - São importantes por se tratar de bases das nossas origens existenciais e culturais.

9 - São muito importantes. Resgata a nossa história.

12 - Porque é importante conhecer nossas raízes. Isso evitaria muita confusão.

16 - É importante porque pode minimizar os ataques raciais e o preconceito uma vez que as pessoas vão ter um melhor entendimento sobre as suas origens.

20 - Se essas matérias fossem estudadas há mais tempo, a escola e a sociedade seriam muito diferentes.

21 - Essas matérias deveriam estar presentes na escola desde sempre.

22 - Estudar sobre negros e indígenas pode promover uma melhor aceitação dessas raças.

24 - Precisamos estudar aquilo que valorize nossas origens e nossa cultura.

25 - Porque esse estudo pode fazer os racistas e os preconceituosos entenderem sobre suas deficiências culturais.

29 - Precisamos resgatar nossas origens para entender porque há racismo e preconceito!

41 - Nossos ascendentes mais próximos creio que sejam os negros, os portugueses e os índios. Essa cultura nos interessa.

45 - Se estudássemos essas matérias desde sempre, tudo seria diferente.

47 - Precisamos nos identificar com a nossa cultura.

3 Discussão

A segunda fase da pesquisa foi feita virtualmente entre os dias 29/11/2016 e 10/02/2017, quatro meses depois das entrevistas da primeira fase. O país enfrentou nesse curto período de tempo um aumento na crise financeira, grande aumento do desemprego e reformas educacionais vistas com pessimismo pelos alunos e também pelos profissionais da área.

A segunda fase de pesquisas teve uma pobre participação de alunos, professores e do quadro de apoio escolar, apesar de se estender por 74 dias e com campanhas (em redes sociais e por mensagens em aplicativo de celular) solicitando a participação de quem já havia colaborado na primeira fase. Estes, provavelmente, se sentiram desobrigados de participar de uma pesquisa em favor da Educação, diante do quadro de incertezas governamentais, sobre o que tais mudanças poderiam provocar de positivo para alunos e profissionais da área.

A maioria dos colaboradores assinaram sua participação na pesquisa como 'voluntários' e pode-se perceber também que seus níveis intelectuais e culturais pareciam ser elevados ao ler como discorreram em suas respostas escritas e pela baixa quantidade de erros ortográficos e/ou de concordância. Pode-se ainda concluir que, virtualmente, muitos deles se sentiram à vontade para responder ao questionário por talvez pertencerem as minorias privilegiadas neste trabalho. Independente disso todos precisaram assistir aos slides de sensibilização antes de irem as respostas.

Portanto, esse trabalho de pesquisa teve também a intenção de interceder junto as autoridades das 3 esferas público-políticas no sentido de requerer maior atenção aos alunos de EJA bem como aos profissionais que nela atuam, visto que as EJAs, apresentam baixa evasão de alunos, se comparadas com o ensino regular. Contam com educadores comprometidos pedagógica e socialmente, além, claro, da

valorização de gênero e diversidade, creditada no PPP. Junto disso pede-se atenção para mais políticas públicas de qualidade.

Conclusões

Conclui-se assim que as EJAs estão entre as instituições de ensino que mais respeita a individualidade dos alunos e procura tratar com igualdade a todos, mas em paralelo os alunos – que voltam a escola para resgatar o tempo perdido – apresentam uma certa pressa em obter a certificação para buscar melhores trabalhos e até mesmo continuar os estudos. Isso faz com que uma discreta aceleração (em favor dos mesmos) deixe de contemplar detalhes sociopedagógicos que poderiam fazer diferença na aquisição cultural e comunitária de todos.

Para contornar a situação, o CIEJA Butantã, privilegia gênero e diversidade no PPP e semanalmente faz um sarau onde os alunos se confraternizam e, saindo um pouco da rotina escolar, participam de apresentações de poemas, contos, teatro e debatem temas da atualidade que originalmente não estão pautados no currículo escolar. Além disso, há uma flexibilidade no horário (já que a instituição tem 6 turnos diários) que permite que os alunos possam repor as aulas perdidas e também frequentar outro horário caso algum problema profissional ou pessoal comprometa seu comparecimento ao turno em que está matriculado.

Outro dado relevante nesta pesquisa foi saber que as pessoas percebem que não são tratadas com igualdade, mas ainda são poucos os movimentos populares em favor de políticas públicas que beneficiem essa ‘falta de igualdade’ ou de ‘tratamento igual’ o que deixa a entender que a maioria das pessoas ainda esperam por deliberações politicamente espontâneas.

100% dos entrevistados afirmam não ter preconceito contra negros, mas o mesmo não acontece quando a pergunta se refere aos homossexuais o que nos dá base para entender que a população já tem mais conhecimento sobre racismo do que sobre preconceito contra homossexuais e também sobre os problemas jurídicos que poderá enfrentar em caso de ofensa racial, porém ainda se sente tranquila para continuar construindo julgamentos e desmerecimento de valores com relação aos homossexuais que ainda não são tão amparados pelas leis em vigor. A pesquisa revela ainda que pessoas do sexo masculino são mais preocupadas com a educação

e que suas idades estão nas faixas compreendidas entre 15 a 25 anos e 36 a 55 anos. Mais de 70% das pessoas afirmam já terem sido vítimas de preconceito e mais de 95% acham que negros (as) e homossexuais tem mais dificuldade para se manterem nas escolas.

REFERÊNCIAS

Guia Gay São Paulo – **Mais de um terço dos jovens são gays ou bissexuais no Brasil** – 2015. Disponível em: <http://www.guiagaysaopaulo.com.br/1/n--mais-de-um-terco-dos-jovens-no-brasil-sao-gays-ou-bissexuais--01-11-2015--1937.htm> Acesso em: 24 jun. 2017.

GWERCMAN, Sérgio - Super Interessante – **O Brasil e os homossexuais: Sim** – 2016 – Disponível em: <http://super.abril.com.br/comportamento/o-brasil-e-os-homossexuais-sim/> Acesso em: 24 jun. 2017.

SILVA, Raimundo Barthô da. **Gênero e Diversidade – Problematizando o Desenvolvimento do Tema na Escola: Legislação, Sociedade e Percepções da Comunidade Escolar** – Projeto de Intervenção – Pesquisa Escolar – 2016. Disponível em: <https://goo.gl/7DqJHg> Acesso em: 24 jun. 2017.

_____. **Gênero e Relações Raciais na E.J.A: Problematizando o desenvolvimento do tema na escola: Legislação, Sociedade e Percepções da Comunidade Escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. Universidade Federal de São Paulo, 2016.

VIEIRA, Isabela – EBC – Agencia Brasil - **IBGE: negros são 17% dos mais ricos e três quartos da população mais pobre** – 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-negros-sao-17-dos-mais-ricos-e-tres-quartos-da-populacao-mais-pobre> Acesso em: 24 jun. 2017.